

## OS REFLEXOS DAS MUDANÇAS NO MERCADO DE TRABALHO

**Erlaine Binotto<sup>1</sup>**

Av. João Pessoa, 31  
CEP 90040 000 - Porto Alegre/RS – Brasil  
Tel: (51) 316 3484  
e-mail: [erlaine@vortex.ufrgs.br](mailto:erlaine@vortex.ufrgs.br)

**Marina Keiko Nakayama<sup>1</sup>**

Av. João Pessoa, 31  
CEP 90040 000 - Porto Alegre/RS – Brasil  
Tel: (51) 316 3484  
e-mail: [marina@ea.ufrgs.br](mailto:marina@ea.ufrgs.br)

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS  
PPGAgronegócios – Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios  
CEP 90040 000 - Porto Alegre/RS – Brasil

### **Resumo**

O presente trabalho teve como objetivo analisar o processo de globalização e as mudanças no mercado de trabalho, na tentativa de traçar o perfil profissional que fará parte do mesmo no futuro. É fundamental a reestruturação da consciência do indivíduo como responsável pela sua empregabilidade dentro do contexto global onde a universidade exerce o papel de formadora da mão-de-obra do futuro. Evidenciou-se que o profissional do terceiro milênio terá capacidade para produção flexível: polivalente, altamente qualificado, com mais autonomia, recompensado em seu trabalho pela estimulação recebida no próprio processo de reestruturação produtiva e serão agentes com imaginação criativa. Neste mundo viabilizado pela parceria das tecnologias da informação e da comunicação, as desigualdades e contradições são evidentes. Neste panorama, o desemprego estrutural causa pânico nos habitantes da sociedade global, pois os trabalhos rotineiros e repetitivos executados por pessoas são e serão gradativamente substituídos por máquinas. Os sindicatos são pressionados a mudar seu perfil de atuação, para fazer frente aos desafios dos novos tempos, onde o emprego possui novo conceito. Como a universidade possui o papel de formadora do profissional do futuro, sua atualização deve ser permanente para não perder o bonde da história, hoje um supersônico. Enfim os desafios profissionais que são lançados fazem com que os indivíduos busquem aperfeiçoamento contínuo, para garantir seu espaço no mercado de trabalho, contribuir para o crescimento do país, poder aproveitar o melhor que a globalização oferece e ser feliz.

**Palavras Chave:** Globalização, Mercado de Trabalho, Desemprego, Perfil Profissional.

**Abstract**

The objective of this work was to analyse the globalization and the changes in the labor market, in an attempt to trace the professional profile for the future. It is fundamental the restructuring of the individual's conscience as responsible for his employment condition inside a global context where the university plays the role of forming the labor force of the future. It was evidenced that the professional of the third millennium will have the capacity for flexible production: versatile, highly qualified, with more autonomy, rewarded in his work by the stimulus received in the own process of productive restructuring and will be an agent with creative imagination. In this world made possible by the partnership between information and communication technologies, the inequalities and contradictions are evident. In this scenario the structural unemployment causes panic in the global society inhabitants, once the repetitive and routine works are and will be more and gradually performed by machines. The Unions are pressed to change the way they act to keep up with challenges of the new times, where employment has a new concept. As the University has the role of forming the professional of the future, its modernization must be permanent to face the fast changes of our time. Finally, the professional challenges that are launched make the individuals search for continuous improvement to guarantee a place in the labor market, contribute for the country's growth, take advantage of the best that globalization offers and be happy.

**Keys Words:** Globalization, Labor Market, Unemployment, Professional Profile.

## OS REFLEXOS DAS MUDANÇAS NO MERCADO DE TRABALHO

### **1. Introdução: Uma Reflexão Sobre o Processo de Mudanças Decorrente da Globalização**

A percepção que se tem é que o mundo globalizado atual organiza-se a partir de grandes transformações em todos os setores, de forma rápida e descontínua, promovendo interferências diretas nas organizações sociais, estabelecendo novos modos de vida e diferentes formas de pensar e agir.

A globalização não é um processo novo, mas algo que vem de longo tempo, e enraizou-se nas formas de desenvolvimento da sociedade contemporânea. Os aspectos mais evidentes são os da produção de riquezas e do consumo. Os processos de aceleração econômica que a antecederam, sempre provocaram mudanças em outros setores da atividade humana. A Revolução Industrial, o maior deles, provocou o deslocamento da sociedade do campo para a cidade. Com a necessidade de maiores conhecimentos por parte dos trabalhadores para atuar nas fábricas, as escolas foram difundidas. Surgiu o operariado, os sindicatos, as teorias socialistas, a demanda por direitos humanos e a criação de leis refletindo conquistas sociais. Com isso, percebe-se que a globalização ainda está em fase inicial, e é impossível medir as conseqüências que trará, a não ser as já conhecidas.

Associada a isso, está a marcha tecnológica empreendida pelo homem na era nuclear que redimensionou o progresso, criou novas denominações para batizar seus poderosos inventos capazes de expandir seus domínios e fazer do globo terrestre um megamercado. Países se estilhaçam, os blocos regionais de comércio crescem, a economia global torna-se cada vez mais interconectada. Os desafios estão lançados pelos dilemas e horizontes que se abrem com a globalização. Nesta, desenvolvem-se as diversidades e desigualdades, algumas antigas, outras recentes e para melhor compreendê-las é importante analisar como elas se situam no mundo.

Para viabilizar isso, uma nova geração de sofisticadas tecnologias de informação e de comunicação estão sendo incorporadas de uma forma acelerada às mais diversas situações de trabalho. Máquinas inteligentes estão gradativamente substituindo seres humanos em inúmeras tarefas, levando milhões de trabalhadores para as filas de candidatos a novos empregos, ou pior, para filas do seguro-desemprego, caracterizando o desemprego estrutural. Este é um processo cruel, porque significa que as fábricas robotizadas não precisam mais de

tantos operários e os escritórios informatizados podem dispensar funcionários com trabalhos simples e rotineiros. Este crescimento veio para que sejam produzidas mais coisas boas e baratas, vendidas numa escala planetária, fabricadas em grande parte por robôs, que são orientados por computadores (Binotto, 1999).

Este acelerado ritmo das mudanças e a nova denominação dada aos inventos colocam em xeque as verdades constituídas pela simples razão de não mais compactuarem com a realidade atual. Quase não existem pontos isolados em nosso planeta, tudo se encontra, de algum modo, interligado, rompendo as barreiras do tempo e do espaço. As maiores corporações mundiais estão decidindo basicamente o que, como, quando e onde serão produzidos os bens e serviços utilizados pelos seres do planeta. Em diferentes gradações, o mundo está sendo desafiado pelas desigualdades geradas ou agravadas pela globalização.

O presente trabalho é um estudo bibliográfico, considerando a pertinência do tema, uma vez que grandes mudanças estão ocorrendo no mundo, desafiando os seres humanos, alterando suas expectativas de vida, oportunidades de emprego, natureza do trabalho e suas experiências sociais. Diante disso, serão abordados temas referentes ao processo de globalização mundial e suas transformações neste novo milênio. Considerou-se os aspectos da desigualdade entre os países, as mudanças no mercado de trabalho, novas posturas sindicais e a questão da educação.

Posteriormente são abordados aspectos do desemprego no que tange ao desemprego estrutural, onde o homem é gradativamente substituído pela máquina. Assim, este trabalho enfatiza a perda de poder de negociação por parte dos sindicatos e ao novo perfil de atuação que devem adotar para cumprir seu papel na sociedade moderna. Evidencia a importância da educação neste novo contexto de mudanças e enfoca o importante papel que a universidade ocupa no desenvolvimento profissional do terceiro milênio e pode-se delimitar qual será o perfil profissional que melhor se adequará às necessidades do mercado de trabalho futuro.

O tema não se restringe a esta dimensão linear de estudo. Possui um vasto campo para pesquisa e aprofundamento destas questões tão importantes para que ocorram mudanças oportunas na sociedade dentro do contexto do mundo globalizado.

## **2. As Diversas Faces da Globalização**

A globalização como fenômeno é secular, não é inédita, nem assustadora. É um processo que ocorre em ondas, com avanços e retrocessos, passando por intervalos que podem durar séculos.

Algumas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais que estavam germinando desde os primórdios do século, aceleraram-se depois da Segunda Guerra Mundial, com o desenvolvimento de um amplo processo de mundialização das relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, antagonismos e integração e também as reformas iniciadas por Gorbachev em 1985, contribuíram para a aceleração das mudanças. Ocorreram fenômenos como a liberalização econômica internacional, o término da Guerra Fria e do equilíbrio do terror atômico e a decadência dos regimes socialistas. A queda do Muro de Berlim em 1989 simboliza não só a crise dos regimes socialistas do Leste Europeu, mas também a abertura de novas fronteiras para o capitalismo expandir-se naquele país. Outro ponto significativo é o fim do ciclo de lutas de classes, iniciado emblematicamente com a Revolução Soviética. Com isso, considera-se que o apogeu do processo de globalização tenha ocorrido com o colapso do socialismo 1989/91. Entretanto, mesmo durante os 40 anos de Guerra Fria retomou-se a tendência de globalização com o surgimento de organizações internacionais ( Organização das Nações Unidas, Banco Interamericano de Reestruturação e Desenvolvimento, entre outras), a formação de complexos regionais como o Mercado Comum Europeu, o enorme surto de empresas multinacionais e a globalização dos mercados financeiros, facilitada pela revolução da telemática.

Binotto (1999) afirma que muitos países foram drasticamente sacudidos pela onda de mudanças econômicas, que os afrontou após estarem muitos anos “de costas” para o mundo ou para as mudanças nos cenários globais, no faz-de-conta social, no gozo corporativo de oligopólios bem protegidos, misturando inflação e palavras de ordem nacionalista. Em decorrência disso, muitos países ficaram à beira da inviabilidade frente às exigências competitivas, cada vez maiores, do sistema internacional. Atualmente, a base da competição entre os povos se dá em termos de conhecimento, capacidade de organização e, o mais importante a competência de realizar a distribuição dos recursos de forma equitativa. Embora há evidência de que poucos são os que dispõem de condições para se informarem devidamente, e se posicionarem com autonomia frente aos fatos mundiais.

“A economia mundial é cada vez mais um todo interdependente: cada uma de suas partes tornou-se dependente do todo, e, reciprocamente, o todo sofre as perturbações e vicissitudes que afetam as partes” Morin e Kern (1995, p. 34) .

Assim, a globalização da economia capitalista no que diz respeito a criação de centros decisórios extra e supranacionais, anula a possibilidade de criação de estratégias nacionais. A desigualdade e a exclusão têm nestes novos tempos um significado totalmente distinto do que tiveram na sociedade do antigo regime. Pela primeira vez na história, a liberdade, a igualdade

REAd – Edição 14 Vol. 6 No. 2 , Mar- Abr de 2000

e a cidadania são reconhecidos como princípios emancipatórios da vida social. A desigualdade e a exclusão são justificadas como exceção ou incidentes de um processo societal, em princípio, não o reconhecendo como legítimo. E, perante elas, a única política social verdadeira é a que define meios para minimizá-las.

Os grandes grupos ficam os responsáveis para dar forma ao discurso no qual há definição das políticas, bem como os termos e conceitos que estabelecem o que pode ser pensado e feito. Há também a articulação das redes transnacionais que vinculam formuladores de políticas de país a país, influenciando nas políticas governamentais nacionais, transformando o estado em estado internacionalizado.

Para Sodré (1996) é o conteúdo da tão propalada globalização, sem examinar os dados que a definem e desconsideram diferenças de países e de classes sociais, fica reduzido a pouco e mostra a diafanidade com que se apresenta. A desigualdade no tratamento entre as nações e a desigualdade no tratamento entre as classes sociais são dados da realidade e não podem ser escondidos. A pretensa globalização escamoteia que é o processo de assegurar as vantagens de que os países mais desenvolvidos já usufruem, em detrimento dos menos desenvolvidos.

Em virtude disso, o Estado acaba sendo convertido em agência para ajustamento das práticas e políticas da economia nacional, adequada aos padrões estabelecidos pela economia global. O ponto central da mudança consiste na integração dos mercados numa aldeia global, explorada pelas corporações transnacionais. O abandono das barreiras tarifárias, antes existentes para proteger a produção da concorrência internacional, promove a abertura de mercado, beneficiando ao comércio e ao capital internacional, provocando uma verdadeira guerra por espaços.

## **2.1. Os Desafios Trazidos pela Mudança**

As grandes mudanças ocorridas no mundo, exigem ajustamentos nas economias de mercado nos diversos países, causando forte impacto nas formas de gestão e condução dos negócios.

Para Motta (1998), as mudanças não são simples, nem fáceis, pois se assim fossem as pessoas as procurariam naturalmente. A mudança desestabiliza as pessoas, uma vez que, requer revisão da maneira de pensar e agir, comunicar e criar um significado para a vida. A mudança envolve o indivíduo e seu meio, portanto é incerto e arriscado, podendo ser promissor ou ameaçador.

As transformações contemporâneas tornaram o sistema de produção automatizado, robotizado e informatizado, ficando, cada vez, menos dependente dos trabalhadores. A alta produtividade e o progresso independem da alta agregação das pessoas e já não criam tantos empregos (Motta, 1998).

Assim, um dos maiores desafios ou a praga do fim do século é o desemprego, ou a precarização dos empregos. Nos países do terceiro mundo as manifestações mais evidentes são o agravamento do subemprego e a informatização da economia a fim de aliar encargos fiscais e trabalhistas.

Porém, o problema global é o desajuste entre a demanda de trabalhadores supertreinados na tecnologia moderna e a oferta excessiva de mão-de-obra subtreinada. Mas a perda de flexibilidade e de adaptação às mudanças tecnológicas, característica do assistencialismo trabalhista, está longe de ser o único ou nem é sequer o fator mais significativo, sendo esta crise muito complexa. Neste mundo sem fronteiras, perdem importância a noção de Estado nacional soberano e sua capacidade decisória provido de mão-de-obra desqualificada e por isso barata, para contrabalançar, ganha importância a estabilidade da economia.

Este panorama mostra perspectivas de pesadelo aos habitantes da aldeia global, pois a desestruturação do mundo do trabalho, que transcende fronteiras nacionais e é resultado do complexo de transformações produtivas, promove o desemprego estrutural e a precariedade do trabalho assalariado com poucas perspectivas futuras. A insegurança permanente em todos os setores da sociedade, faz com que as pessoas procurem ser poupadas no dia-a-dia de trabalho e angustiadas esperam não fazer parte do processo seletivo que não escolhe perdedores.

Na visão de Ianni (1997), sob todos os aspectos, a nova divisão transnacional do trabalho e produção implica outras e novas formas de organização social e técnica do trabalho, de mobilização da força de trabalho, quando se combinam trabalhos de distintas especialidades e categorias, de modo a formar-se o trabalho coletivo desterritorializado. Nesse sentido é que o mundo parece ter-se transformado em uma imensa fábrica.

Na percepção de Binotto (1999), na sociedade de serviços, o robô já é uma realidade. O crescimento da pobreza e a falência educacional compõem o cenário que vivenciamos. Também a problemática tornou-se mais abrangente, envolvendo não só o comércio e capitais, mas as telecomunicações, finanças e serviços antes cobertos por várias formas de proteção. Aumenta o contingente do excedente de trabalhadores ativos, criando excesso de mão-de-obra e submissão ao capital da classe em atividade. Os salários passam a ser controlados pelo

movimento de contração ou expansão dessa população excedente. Logo, a atuação dos sindicatos também deve sofrer adaptações.

Como a educação está incorporada neste tecido social, sua participação no contexto da sociedade é de grande relevância, não somente pela formação do indivíduo que atua na sociedade, mas, principalmente, pelo potencial criativo que o homem está destinado no seu íntimo processo de desenvolvimento. Na ameaça gerada pela instabilidade do emprego, o homem é desafiado a aumentar sua competência individual. Perante as mudanças, particularmente as tecnológicas, o caminho para uma atualização resulta na busca de um modelo eficiente de educação permanente e certamente obtida por mecanismos inteligentes de aprendizado e diferenciados dos métodos de capacitação dos últimos tempos.

Na realidade, a educação carrega um fardo muito pesado. Vivemos uma época de escasso ou nenhum crescimento econômico e do desemprego em massa, e a tendência é responsabilizar a educação por isso. Mas o dilema da incompatibilidade entre a formação profissional e o emprego, ou seja, o que o sistema escolar produz e o que o mundo do trabalho requer. Está se atribuindo a responsabilidade pelo desemprego aos indivíduos que não souberam adquirir a educação adequada e aos poderes públicos que não souberam oferecê-la. Mas as organizações possuem sua parcela de responsabilidade ligada às más decisões direcionadas à sua pouca contribuição na qualificação e organização do processo de trabalho.

Rifkin (1996) faz suas considerações com relação ao futuro, e comenta que a civilização encontra-se vacilante entre dois mundos muito diferentes, um utópico e cheio de promessas, o outro real cheio de perigo. Em debate está o próprio conceito de trabalho. Como pode a humanidade começar a se preparar para um futuro no qual a maior parte do trabalho formal terá sido transferida de seres humanos para máquinas? Nossas instituições políticas, convenções sociais e relações econômicas baseiam-se em seres humanos vendendo seu trabalho como um bem no mercado aberto. Agora que o valor da mercadoria desse trabalho está se tornando cada vez menos importante na produção e na distribuição de bens e serviços, novas abordagens para garantir a renda e o poder aquisitivo terão de ser implementadas.

Uma premissa básica, deve ser considerada no processo de globalização: não há globalização econômica e mercadológica se não houver globalização humana, se não houver o encontro dos povos dentro de uma pátria comum, de um território cultural homogeneizado pela Internet. O pressuposto importante é que numa sociedade cada vez mais tecnológica, o ser humano faz a diferença.

Como se percebe, o emprego com tecnologia está difícil, mas seria catastrófico sem ela. No mundo atual, não há a menor possibilidade de as organizações competirem fora dos



avanços tecnológicos, embora o acesso seja restrito a uma minoria. A modernidade que estamos vivendo nos direciona para a cultura do novo, do progresso, da constatação da mudança. Isto significa que a educação tem o papel de formar cidadãos capazes para enfrentar as mudanças que já estão ocorrendo em todos os níveis da sociedade. Enfim, na questão educacional o desafio central é buscar uma educação que seja capaz de contribuir com o indivíduo e para a sociedade de maneira a torná-lo mais integrante e atuante na história em que vive, a medida que ele contrói a sua própria história. E, aos sindicatos cabe a análise permanente de sua atuação, podendo assim, contribuir na melhoria da capacitação do trabalhador, dando-lhe maiores chances de permanecer no mercado de trabalho e obter sucesso.

## **2.2. O Desemprego e a Necessidade da Adoção de Novas Posturas dos Sindicatos**

O novo sindicalismo no País ascendeu na década de 80, ganhando um novo impulso e demonstrando a necessidade de mudanças significativas no nível de atuação e na sua forma de gestão.

A transferência do emprego, com a redução do vínculo empregatício, força os sindicatos de trabalhadores a ter responsabilidade de adoção de uma visão diferenciada, pragmática nas suas relações com os trabalhadores. A postura rígida que caracterizou sua atuação ao longo da história será deslocada para uma prestação direta de serviços aos trabalhadores em treinamento e desenvolvimento, marketing, aconselhamento, estratégia de vida e de carreira, seguros e fundos de pensão.

Paulo Paiva ( 1997, p.64 ) enfoca sobre o perfil do sindicato para adequar-se aos novos tempos:

“(...) É vital construirmos um novo modelo de relações coletivas que garanta a liberdade e a autonomia sindicais, com a definição de um novo perfil de organização sindical e de negociações coletivas” .

A competitividade é o referencial de sobrevivência destes tempos. Capital e trabalho não podem mais ser antagônicos, mas sim parceiros na indispensável busca da eficiência. Os sindicatos corporativos, de massa , são vistos hoje como coisa do passado. Não podemos mais conceber o mundo numa perspectiva de luta de classes, pelo menos não da maneira que Marx pensava. No momento em que a prioridade é a manutenção do emprego, os trabalhadores se vêem obrigados a negociar. Forçados pelos desafios da atualidade, os sindicatos começam a seguir a tendência mundial: flexibilização das relações de trabalho.

Projeta-se um sindicalismo que extrapola o economicismo, o corporativismo e o imediatismo.

Um sindicalismo com práticas de solidariedade e generosidade. Agindo integradamente com os trabalhadores dos diversos setores, bem como com intelectuais e braçais conjuntamente. O sindicato real, de base, unitário, forte, é aquele construído a partir da vontade dos trabalhadores providos de consciência crítica, resultado de uma educação adequada às novas necessidades.

### **2.3. O Importante Papel da Educação Para a Sociedade**

Aliada ao processo de mudança, a educação assume graus de responsabilidade pelo desenvolvimento de perfis profissionais que viabilizem a adoção de processos mais complexos no ambiente de trabalho. Sendo assim, o papel que as instituições melhor preparadas podem exercer não é obrigatoriamente a criação de empregos, mas poder potencializar a criação e o aproveitamento de novas oportunidades no mercado de trabalho extremamente competitivo.

Glustina ( 1996 ) dissecou este tema dizendo que o papel da universidade, numa visão mais abrangente de suas funções essenciais, leva-nos a concluir que o preparo do homem para o trabalho deve pressupor, prioritariamente, a transmissão do conhecimento, da tecnologia e dos instrumentos básicos da respectiva área de profissionalização, ao invés da simples instrumentação – meramente a transmissão de técnicas ou modos de fazer. Esta prevalência é mais conforme as características do mercado de trabalho, no qual a instrumentação, para se atuar nele, muda rapidamente e se diversifica a cada dia e cada dia mais. Se esse preparo básico não for viabilizado na universidade, não ocorrerá formação superior alguma, e o profissional terá dificuldade de compreender os processos em que está envolvido e de permanentemente atualizar-se para conviver com eles.

Nesta concepção a perspectiva é de que a universidade viabilize, para o profissional em formação, formas complementares para melhor preparar-se e condições para atualização contínua e permanente. Permitir ao futuro profissional descobrir-se a si mesmo e situar-se adequadamente nas suas relações e conhecer o universo das mesmas, isto é, formar homens e cidadãos. É preciso aceitar o desafio, para superar a timidez e a comodidade de repetir o usual, o pronto, o estratificado. Uma vez que, as transformações deste final de século impactam e impactarão as atividades de milhões de seres humanos, alterando suas expectativas, as oportunidades no mercado de trabalho, a natureza deste e suas experiências na sociedade. A perspectiva de um endêmico desemprego provoca também um aumento da

endêmica insegurança que se observa na proliferação e intensificação de impulsos particulares de todo tipo. Em vez da integração teoricamente embutida na globalização, opera-se uma crescente desintegração, sobretudo do tecido social.

Mais do que nunca, hoje, a complexidade e a dinâmica da sociedade exigem a formação do homem nessa mesma dimensão complexa e dinâmica. A universidade, porém, tem caminhado no sentido inverso, limitando-se a formar prioritariamente o profissional e, supostamente, o profissional acabado, diplomado. Diploma eterno e garantidor de privilégio vitalício do exercício profissional. Diante disso, há uma preocupação se as instituições de ensino estão realmente preparando seus clientes para o novo mercado de trabalho, com exigências de qualificação em alto nível, no contexto de democratização e participação, e também de crise econômica e alterações no contexto do emprego. O modelo usado para formar profissionais era único, sólido, para um bom e estável emprego. Sabiam disciplinar para a assiduidade, obediência e pontualidade e não para a incerteza, a iniciativa, a tomada de decisão e a responsabilidade (Glustina, 1996 ).

A história relata que a Revolução Industrial também provocou uma convulsão social e cultural, destruindo empregos e gerando insegurança social. Com ela, houve destruição de empregos, mas em compensação houve a criação de uma massa consideravelmente maior de postos de trabalho.

Com a revolução da informática percebe-se uma constante destruição do número de empregos, sem a conseqüente criação de novas oportunidades equivalentes. Para Carvalho ( 1998 ) o que foi energia para as revoluções industriais precedentes, será informação na realidade atual e, o desenvolvimento depende, principalmente, da capacidade de conhecimento e da disponibilidade de informações para atuar no processo de trabalho.

Forrester ( 1997) é enfático ao afirmar que já faz muito tempo que estamos cegos até mesmo para sinais evidentes! Com as novas tecnologias, a automação, por exemplo, há muito previsíveis, como tantas outras promessas, só foram levadas em conta no dia em que as empresas fizeram uso delas e, utilizando-as, de início, pragmaticamente, também as integraram sem muita reflexão, até que, graças ao seu avanço, finalmente as dominaram e se organizaram em razão delas, para usá-las a nossa custa.

Neste final do século XX, é difícil imaginar mutirões de trabalhadores quebrando robôs e computadores a marretadas, como fizeram seus predecessores com as máquinas a vapor no século passado. O processo econômico sempre sofreu suas crises de adaptação, mas as próprias crises sempre produziram soluções. Da depressão de 1929, por exemplo, surgiu um novo modelo, em que o Estado investia pesadamente na iniciativa privada, gerava renda e

consumo e criava emprego nas empresas privadas. Nestes novos tempos, é sempre perigoso fazer previsões, além de não dominarmos todos os desdobramentos que envolvem esta complexa questão.

#### **2.4. O Perfil Profissional Exigido Neste Novo Contexto**

O mundo do trabalho está explodindo, tem-se apresentado mais instável e as razões podem ser facilmente identificáveis: globalização, aumento populacional e a introdução de novas tecnologias, especialmente nas áreas da comunicação e da informação. O conceito de emprego está sendo substituído pelo conceito de trabalho, por meio de tarefas, projetos, missões a executar e atividades a desempenhar. O processo de competição não é apenas por salários, como mostra a teoria do capital humano, mas por empregos, onde pessoas com níveis mais elevados de escolarização ocupam cargos melhor remunerados.

A avalanche de mudanças exige profissionais capazes de admitir que seu saber é insuficiente e tornarem-se aptos a adquirir com facilidade novos conhecimentos e aplicá-los ao trabalho. Nesta sociedade o fator de produção mais importante é o conhecimento e não mais o capital, a terra ou a mão-de-obra. O trabalho sofre uma verdadeira revolução no sentido de que a atividade produtiva passa a se fundar em conhecimentos técnico-científico, em oposição ao trabalho rotineiro, repetitivo e desqualificado, que predominou na fase do capitalismo liberal e nas primeiras décadas deste século. Em vista disso, o trabalhador não é mais considerado como simples apêndice da máquina, mas sim um sujeito pensante, criativo, capaz de regular o processo de trabalho, em vez de ser, por ele regulado.

Defrontamo-nos, neste final de século, com problemas totalmente novos e desafiadores. O imenso fluxo de informações que nos chegam a todo instante, sob os mais variados assuntos, dos mais distantes pontos do globo, torna os conhecimentos assimilados, rapidamente superados e muitas vezes no processo educativo, esses conhecimentos são transmitidos aos alunos como se fossem definitivos. No decorrer de décadas, as idéias sobre as fontes de riqueza dos povos têm sofrido alterações, começando pelas terras e posteriormente abrangendo os recursos naturais, o poder econômico e militar, o acesso a altas tecnologias e capital. Atualmente, não há mais como omitir que a fonte de riqueza e o recurso mais escasso, capaz de atrair os demais, é a população total ser dotada de educação e competência.

Nesta dimensão, Drucker ( 1995 ) expressa sua idéia de que nenhuma sociedade na história enfrentou tais desafios. No entanto, igualmente novas são as oportunidades da sociedade do conhecimento, na qual, pela primeira vez na história, a possibilidade de

liderança estará aberta a todos. E também a possibilidade de adquirir conhecimentos não mais irá depender da obtenção de uma educação prescrita em determinada idade. O aprendizado tornar-se-á a ferramenta da pessoa - a sua disposição em qualquer idade - porque tantas aptidões e conhecimentos poderão ser obtidos por meio de novas tecnologias de aprendizado.

Um dos maiores obstáculos do país ao seu crescimento são as barreiras da educação, agravando os problemas de desigualdades sociais, subemprego e marginalização social em relação a um país economicamente mais maduro, com mais igualdade de oportunidades, de rendas e de maior estabilidade e integração social.

Assim, as mudanças do paradigma econômico implicam conseqüentemente, em mudanças indispensáveis no paradigma educacional. O enfrentamento dos novos tempos requer uma mudança de mentalidade e de cultura. A mobilidade de capital é imensa e é preciso preparar a mão-de-obra para adquirir flexibilidade geográfica e mental, além de fortalecer sua capacidade de adaptação aos novos tempos. Esta carência exige uma reforma na educação, de modo que ela possa abrir um leque de oportunidades aos profissionais num processo interativo e que estimule a criatividade.

Este novo mercado de trabalho tende a buscar trabalhadores com capacidade para a produção flexível: polivalente, altamente qualificado, maior autonomia, recompensado em seu trabalho pela estimulação recebida no próprio processo de reestruturação produtiva como agente com imaginação criativa, que foi apagada no passado pelo sistema alienador de produção. Dessa forma, o trabalhador terá condições de ser, permanentemente, um agente de inovação tecnológica dentro de organizações inovadoras e empreendedoras ( Carvalho, 1998).

Segundo Drucker ( 1993 ), há a necessidade de um Sistema Educacional que promova eficazmente a inserção do indivíduo, ainda quando estudante, neste mercado de trabalho com características novas. Torna-se necessário também, a reorganização teórica e metodológica condizentes com este novo paradigma, uma vez que, a aprendizagem não constitui-se apenas de experiência nos processos de produção, mas da sua combinação com atividades intelectuais e criativas.

Stempfer (1997) traça este perfil profissional como o que terá competências que há uma geração eram raras e admiradas, como dominar o inglês e espanhol e ter agilidade no uso de computadores, estão se tornando requisitos mínimos para um emprego diferenciado.

Os tipos de trabalho bem remunerados do futuro exigirão capacidade de adaptação a novos ambientes e novas situações, mobilidade entre países e culturas e disposição para aprendizado contínuo. Exigirão também a capacidade de comunicação oral e escrita, inclusive as capacidades de ouvir, de preparar relatórios e de fazer apresentações. As habilidades

interpessoais, a capacidade de trabalhar em equipe e a capacidade de assumir papéis de liderança e de tomar decisões também serão altamente valorizadas.

A criatividade, neste contexto, é uma característica extremamente valorizada. E, Motta (1998) considera que ela é fruto do ambiente em que o indivíduo está inserido. É o resultado entre o meio social e a geração de novas idéias. Assim, a criatividade é um julgamento de valor aplicado a um contexto específico: variando de grupo para grupo, organizações e no tempo, dependendo do ambiente onde a idéia foi gerada.

Diante destas novas exigências, o trabalhador precisa formar novos conceitos sobre seu perfil profissional. No passado foram ensinados por grandes empresas, governos, instituições de ensino e forças de trabalho, que manter um desempenho regular e bom seria o ideal para ser um profissional reconhecido no mercado. Na medida em que o homem se insere na trama das relações sociais, a instabilidade no emprego faz com que ele constantemente reavalie seu perfil profissional. Ao fazer uma análise do perfil profissional, torna-se importante criar canais para se aproximar ao máximo do que se busca. É importante validar a competência, aperfeiçoar as fragilidades, direcionar-se ao alvo desejado e iniciar planos de desenvolvimento.

A busca de alternativas para se fazer frente ao desafio profissional do novo milênio deve direcionar-se ao perfil desejado pelo mercado de trabalho, uma vez que as organizações não trabalham mais com o passado ou com o presente. Elas projetam o futuro e trabalham o perfil profissional que será capaz de atender suas necessidades futuras, ou seja, formar a competência para a estratégia futura. O emprego de qualificações fixas dá lugar ao emprego variável, que tanto pode ampliar o número de profissionais com conhecimentos diversos em tarefas mais complexas ou em outras etapas do processo de trabalho. A principal característica dos novos tempos e que define por si só o fim da época industrial, é a progressiva extinção do emprego em sua forma tradicional.

O analfabeto do futuro não será o indivíduo que não souber ler, mas sim aquele incapaz de interagir com máquinas inteligentes e incapaz de ser um agente participativo e atuante na tomada de iniciativas no contexto de mudanças. Produtividade e qualificação profissional são inerentes ao mundo moderno.

O profissional dinâmico com iniciativa, criatividade e capacidade empreendedora, cultura geral, postura profissional e ética e responsabilidade social fazem parte do perfil profissional que terá seu espaço garantido num mercado de acirrada concorrência. Deve ser desenvolvida nos profissionais, a mentalidade competitiva, a que muitos não foram preparados. Deve ser mudada a relação das pessoas com o trabalho.

### 3. À Guisa de Conclusão

Na aldeia global os avanços tecnológicos definem os caminhos para a competição dos mercados e traçam o perfil dos profissionais que conduzirão o progresso das nações. Nesta avalanche de mudanças, a exigência básica é a competência, porque o mundo e a forma de produzir mudaram, e há necessidade de realizar os procedimentos com noção de contemporaneidade, e transformar as generalidades em competências.

A aproximação de realidades é o traço universal da globalização, mas, para além dela residem pontos de partida diferenciados. No bojo de uma profunda Revolução Tecnológica e com a instauração plena de um novo mercado global, o mundo do trabalho encontra-se desestruturado.

As discrepâncias entre os países do globo tornam mais distante o lema da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. As decisões sobre os rumos do mundo são tomados por grupos e corporações internacionais. Ao terceiro mundo cabe a importação de tecnologias de países mais desenvolvidos, embora seu capital humano seja despreparado para absorvê-la e dominá-la. Os trabalhadores, a mercê dessa realidade encontram-se desqualificados em dois lados antagônicos ou nas filas de seleção para a escolha dos perdedores ou nas filas submissos a qualquer emprego independente das condições.

A abertura de fronteiras é considerado o desafio da sociedade moderna e, conseqüentemente da escola. O aprendizado contínuo, ou seja, os estudantes devem ser preparados para aprender continuamente, o que pressupõe uma forte base em todas as ciências. A sociedade da informação revolucionou o próprio conceito do conhecimento. As novas formas de organização do trabalho e participação social vão exigir que cada vez menos as pessoas armazenem informações e cada vez mais saibam como conhecer e aplicar os conhecimentos, dotadas de consciência crítica e criatividade na solução de problemas e autonomia para os processos decisórios.

Esta infeliz realidade indica que os trabalhadores devem ser retreinados, adaptando-se e capacitando-se a se integrar maciçamente através de conhecimentos que poderão torná-los úteis para os padrões da classe mundial. Esta readaptação exige o esforço de todos os setores da sociedade contemporânea para que os aspectos da desigualdade e da exclusão não sejam tão devastadores.

Este cenário é irreversível e não podemos destruir as tecnologias revolucionárias. Mas pode-se refletir sobre o que fazer para domesticar a globalização selvagem colocando suas múltiplas possibilidades emancipatórias a serviço do homem. Sabe-se que sempre haverá

necessidade da presença do homem para criar programas, para manuseá-los e para fazer a manutenção. Em toda essa informatização e robotização, o homem terá presença constante, embora em menor número, sem jamais ser eliminado totalmente. Porque sabemos é ainda o homem, como dizia Plutarco “a medida de todas as coisas”. E embora o ser humano construa os computadores, elabore seus programas, é ele quem faz a máquina. Esta, felizmente não consegue pensar, assim sendo, ela não é substituto do homem, é um acessório para lhe facilitar a vida. A pergunta que a máquina jamais responderá, é “por quê?”. Esta somente o ser humano tem condições de justificar.

A mudança de paradigma consiste nisso: propiciar ao ser humano condições racionais de adequar-se às mudanças, fornecer-lhe mais meios para usufruir da técnica, mas essencialmente ao longo do processo civilizatório, o que os seres humanos sempre buscaram foi uma vida prazerosa e que lhes garanta as condições básicas de saúde, moradia, educação, alimentação, transporte e lazer. É este o desafio que ainda deve ser enfrentado pelos governos contemporâneos, compatibilizar técnica com humanidade dentro do processo de mudança. Este tem sido o impasse ainda não solucionado às vésperas do século vinte e um. Na busca de respostas para as inquietações que nos fazemos e sua equalização com a marcha tecnológica, este trabalho foi formulado, no anseio de contribuir para melhor discutir estas questões do mundo acadêmico, e quiçá, desmitificar o pesadelo de que somos acometidos ante o desconhecido.

Pois, o universo do trabalho antes de ser considerado como o templo da eterna obrigação é o templo de prazer. O trabalho deve ser um instrumento para o homem fazer reflexões no campo das idéias e nas atividades diárias, suas escolhas e o saber sobre as coisas e sobre si. Momento em que reafirma sua concepção de mundo, de criar, relacionar e executar satisfatoriamente o papel que lhe é atribuído na sociedade.

#### **4. Referências Bibliográficas**

- BINOTTO, Erlaine. *A Globalização e a Mudança de Paradigmas no Mercado de Trabalho*. Universidade de Cruz Alta. Pró-Reitoria de Ensino – Pós Graduação - Publicações, vol. 1, Cruz Alta/RS, 1999.
- CARVALHO, Hélio Gomes. Tecnologia, Inovação e Educação: Chaves para a Competitividade  
in: *Revista de Educação & Tecnologia*. Periódicos Técnico-científicos dos Programas de Pós-Graduação em Tecnologia dos CEFETS – PR/MG/RJ, ano 2, nº 3, ago/1998, Curitiba. Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, 1998 pag 81-95.
- DRUCKER, Peter F. *Administrando em Tempos de Grandes Mudanças*. São Paulo:Pioneira,1995.
- DRUCKER, Peter F. *Sociedade Pós-capitalista*. São Paulo: Pioneira,1993.



- FORRESTER, Viviane. *O Horror Econômico*; tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- GLUSTINA, Osvaldo Della. *A Universidade Renovada* in: Educação Brasileira. Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Brasília, Editoração, Arte e Impressão, Vol. 18, Nº 37, 1996. p-89-101.
- IANNI, Octavio. *A Era do Globalismo*. 3º ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. *Terra - Pátria*. 2º ed. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- MOTTA, Paulo Roberto. *Transformação Organizacional: a teoria e a prática de inovar*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.
- PAIVA, Paulo. Ministro Defende Modernização das Relações de Trabalho. In: A Realidade e a Lei – LIDA – Revista do Ministério do Trabalho, nº 04, Brasília: Pallotti, 1997. p- 62-67.
- RIFKIN, Jeremy. *O Fim dos Empregos: O Declínio Inevitável dos Níveis dos Empregos e a Redução da Força Global de Trabalho*. São Paulo: Makron Books, 1996.
- SODRÉ, Fernando Werneck. *A Farsa do Neoliberalismo*. 3º ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.
- STEMPFER, Alain Florent. *Seu Filho Tem Que Ser Melhor Que Você* in: Brasil em Exame. São Paulo: Editora Abril, 1997.p-36-37.